

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me avertente em sonhos.

LISBOA 5 DE MARÇO.

Temos folhas do Porto até o 1.º do corrente, e cartas até á uma hora da tarde do dia 3.

Nunca a causa nacional apresentou um aspecto tão lisongeiro; nunca as esperanças de um proximo triumpho foram tão bem fundadas.

O enthusiasmo na cidade invicta não pôde exceder-se. Reina a maior harmonia e intelligencia entre os membros da junta, e os cidadãos rivalisam no amor da patria. Eis-aqui o que extrahimos das folhas:

«No dia 21 de manhã entrou alli o conde das Antas. A junta foi logo cumprimentar o seu digno presidente. Assim o fez tudo quanto havia de mais nobre e respeitavel na cidade. O batalhão academico de Coimbra sollicitou e obteve a honra de ir todo cumprimentar o seu general e o seu amigo que foi muito sensivel a esta demonstração de um corpo tão distincto, e que elle tanto aprecia.

As quatro horas da tarde soube-se que o general Povoas desembarcava no Esteio de Campanhã. Com esta noticia o povo corria em ondas sobre a estrada por onde devia passar o venerando general commandante das duas Beiras. O general visconde de Sá achava-se já no ponto do dasembarque, aonde com o unico braço que lhe resta, abraçou o seu velho amigo, que não tiuha visto ha muitos annos. Apresentaram-se ao general os membros da junta Justino, Avila, Seabra, Brito, generaes, commandantes de corpos, e todas as pessoas de distincção na cidade.

O conde das Antas, tendo ordenado que uma guarda de honra de 300 infantes se fosse postar em frente da casa dos srs. Pintos Bastos, onde o general ia ser hospedado, partiu acompanhado do vice-presidente da junta, alguns cavalheiros, e um luzido estado mais a encontrar o velho general no ponto de Campanhã, aonde os dois illustres generaes se abraçaram por entre as aclamações d'um povo inteiro, que não cessava de victoriar a junta, o conde das Antas, o general Povoas, e Sá da Bandeira.

O general Povoas com o seu chefe de estado maior, general Rebocho, marchava na frente,

trazendo ao seu lado os membros da junta, e generaes, seguidos d'um luzido acompanhamento de commandantes de corpos, officiaes, e cavalheiros de distincção.

Levou muito tempo primeiro que o general chegasse de Campanhã á casa dos srs. Pintos Bastos, pela difficuldade que havia de atravessar entre a multidão do povo, que de toda a parte se apinhava para saudar o velho general. Innumeraveis foguetes subiam ao ar de todos os pontos.

Numerosas musicas percorriam as ruas e estacionavam em frente dos quarteis dos generaes Povoas e conde das Antas.

O general, e seu irmão Pedro das Povoas, apearam-se na casa do sr. Custodio Teixeira.

O povo achava-se todo apinhado em frente do seu quartel, repetindo as suas constantes aclamações, até que o general Povoas assomou a uma das janellas para agradecer tantos testemunhos de estima e veneração.

Pouco depois entrou no largo da Batalha a columna dos heroicos voluntarios do seu commando, que foi victoriada por um povo immenso, que não cessava de applaudir o valor, o soffrimento e o heroismo destes cidadãos, que tinham feito uma campanha digna dos soldados de Annibal e de Napoleão.

No dia seguinte a junta provisoria do supremo governo do reino foi com o seu presidente entregar ao governador militar das duas Beiras, o general Povoas, o decreto que lhe conferia o titulo de conde das Povoas. O general declarou que elle não ambicionava nenhuma recompensa, mas que a junta o tinha de tal modo confundido com provas da sua confiança e consideração, que elle não podia senão aceitar com vivo reconhecimento aquelle novo testemunho de benevolencia da junta do supremo governo do reino.

O general Rebocho foi condecorado com a commenda d'Aviz.

A' noite (22) houve theatro. Apareceram no camarote os generaes Antas e Povoas, e os membros da junta. A' sua appareição estrondosos applausos romperam de toda a parte, e responderam por muito tempo aos vivas que diversos pontos se levantaram aos generaes conde

das Antas e Povoas, á junta provisoria, e á união dos generaes e da junta.

O sr. Palmeirim fez um bello elogio aos dois illustres generaes, terminando por dizer que elles eram o penhor mais valioso da nossa liberdade, ao que o conde das Antas respondeu com enthusiasmo — «que com o valor e dedicacão «dos portuguezes é impossivel o despotismo em «Portugal» concluindo por levantar o seguinte viva: «Viva o povo portuguez!» que foi correspondido com o mesmo enthusiasmo com que foi levantado.

Recitaram-se diversas composições poeticas.

No dia 23 o tenente general conde de Povoas foi apresentar os seus respeitos á junta provisoria do supremo governo do reino, e ao commandante em chefe do exercito nacional.

No dia 25 a maior parte das forças tanto de linha como dos corpos nacionaes, que estão naquella cidade, deram um passeio militar até o sitio do Monte Grande, quasi uma legua de distancia do Porto pela estrada de Lisboa. Formavam quatro brilhantes brigadas com a competente artilharia e cavallaria. Toda a força formou no Monte Grande, e ahi lhe passaram revista os dois illustres generaes Antas e Povoas, que ficaram extremamente agradados de commandarem tão boa gente, e tão prompta para tudo o que seja mister a bem da causa nacional. O exercito popular tambem ía ufano por levar consigo o honrado e habilissimo general visconde de Sá, que todos respeitam como elle merece.

A' frente da guarda nacional ía o seu commandante geral marquez de Loulé.

Depois de passada revista tudo retrocedeu para os seus quartéis. Os generaes estiveram no Alto da Bandeira a ver desfilar aquella divisão, que para se avaliar quanta gente tinha, basta notar-se que gastou hora e meia em desfilar continuamente. E mais ficou na cidade a guarnição, que não é pequena, e contingentes de todos os corpos; e estão fóra em operações as columnas do barão do Almargem, e generaes Cesar, Bernardino e Guedes.

Não sabemos (diz o *Nacional*) se esta marcha foi preludio d'algumas operações militares que hajam deprehender-se, nem pretendemos saber: confiamos plenamente nos generaes, que capitaneam as nossas grandes forças, e estamos seguros de que a victoria ha de ser por nós.

A' revista assistiram 25 batalhões, e ficaram ainda na cidade e suas avenidas dez corpos de diversas armas.

O coronel visconde d'Azenha partiu no dia 26 para o Minho, não só para inspecionar os batalhões nacionaes, mas tambem para organizar novas forças, indo munido de plenos poderes conferidos pelo marechal do exercito conde das Antas.

No dia 10 sahiram de Valença 130 infantes

cabralistas na direcção de Melgaço para baterem uma guerrilha. Não encontraram ninguem armado. Commetteram atrocidades, e matando uma mulher, fizeram com que o povo se armasse fazendo-os retirar para a villa de Monção no dia 13, aonde se conservaram nesse mesmo dia, e em 14 e 15, a ponto de já não terem polvora, e os officiaes passaram a Salvaterra de Galliza pedindo polvora, que lhes foi fornecida pelas auctoridades hespanholas na quantia de dous mil cartuxos. O proprio governador de Salvaterra offereceu mandar soldados hespanhoes disfarçados. Veio infantaria 13 e 25 cavallos de Valença, mas a força popular que atacou Monção era tão consideravel que o regimento 13 e 25 cavallos não se atreveram a aproximar-se dos populares, e ficaram em Lapella.

A força cabralista sitiada em Monção passou no Minho para Salvaterra da Galliza, e atravessou meia legoa armada pelo territorio hespanhol, sem opposição, ou com o consentimento das auctoridades daquelle paiz.

Receberam-se no Porto noticias officiaes de Castello Branco, participando que no Cabeço de Moura fóra completamente derrotada uma guerrilha cabralista, deixando no campo 22 homens entre mortos e feridos.

Por officio do administrador do concelho de Bayão consta que a força do Lapa fóra alli batida por aquelle digno povo, e forçada a passar o Douro na barca de Mirão. Alli quiz roubar a casa do Palhares; mas na margem esquerda roubou as casas do padre José (de Rezende) e do Justiniano de Cordova.

Tem-se apresentado ao general Almargem alguns soldados do Casal.

Em Taboço o povo matou o administrador do concelho porque quiz fazer de espadachim, ameaçando os que tocavam o hymno da Maria da Fonte.

Em Monte Alegre o povo sublevou-se contra os lastro-facciosos do ex-conde de Vinhaes. Eis o caso:

Partira de Chaves o capitão Casas Novas para Monte Alegre com 152 infantes e alguns cavallos a fim de roubar bois, pão e feno.

Os soldados, sem se saber porque, mataram um cabo de policia, que os andava aboletando. Os povos indignados levantaram-se em massa contra os soldados, e lhes fizeram um fogo terrível a ponto de que a tropa se viu obrigada a metter-se no castello, ferindo-lhe um soldado de cavallaria, e matando-lhe quatro infantes. Os empregados cabralistas fugiram, e foram dar parte ao Vinhaes. Este partiu com toda a força que tinha em Chaves sobre a villa, e chegando alli deu um saque geral, roubando lençoës, mantas, e quantos objectos encontravam. Levavam todo o roubo e 17 cabeças de gado vacum, quando as povoações contiguas a Monte Alegre se começaram a sublevar, de fórma que foram

sobre o Vinhaes, fazendo-lhe fogo mais de duas legoas, e foi tal a desordem e o medo que só apenas puderam levar para Chaves tres bois, além dos objectos roubados.

No dia seguinte á sua entrada em Chaves, os soldados começaram a gritar contra o Vinhaes, e contra o major de 13 Castello Branco, dizendo que lhes não pagavam o seu pret, que já lhes deviam 4 quizenas, e que os povos os alcuñavam de ladrões, e que se não tinham dinheiro para lhes pagar, que o dissessem, pois queriam ir para o partido do Porto, e tal barulho fizeram que o major foi procurado, e se não foge pelos telhados, os soldados davam conta delle. A este barulho accudiu o Vinhaes com uma sacca de dinheiro á rua, e com uma escolta de soldados, dizendo — «accommodem-se, accommodem-se rapazes, que eu aqui lhes trago dinheiro.»

Além das folhas tivemos uma carta do nosso correspondente que diz assim:

Porto 2 á uma hora da tarde:

«O Saldanha avançou do Vouga para Oliveira d'Azemeis (5 legoas de distancia): de proximo recebeu a força do Sola, e toda ella naquella posição não chega a 4:000 homens, nem desce de 3:600.

O Lapa passou o Douro na Regoa, e está em Villa Real junto ao Vinhaes, sendo a força de ambos calculada em 800 infantes, e cento e tantos cavallos: o Casal desceu de Valença para Vianna, deixando mais forte a guarnição de Valença, e não tem mais de 1:500 homens. Pela nossa parte temos cinco mil homens da melhor força em Villa Nova de Famelicão, Barcellos, Braga, Guimarães, Amarante, Penafiel, Entre Ambos os Rios, Carvoeiro, e Arnellas; sendo aquella força commandada ao Norte pelo Almargem, que está observando o Casal; em Amarante pelo Guêdes, que observa a força do Vinhaes e Lapa; e na margem direita do Douro estão o Cesar, e Bernardino, observando o Saldanha.

Aqui estão o Antas, e Povoas, e uma força respeitavel, que não pôde ser menos de 13 a 14 mil homens (paçerte-ha incrível; pois é verdade) e uma boa parte é de linha: os populares já estão bem disciplinados, e quasi todos fardados e armados, e com quanto que tenha havido falta de armas, vai-se com tudo supprindo essa falta com as que veem vindo dos Migueis, e no arsenal se estão apromptando de 30 a 40 por dia.

O Antas é incansavel, e portou-se o mais cavalheiramente possível com o Povoas, a quem fez uma excellente recepção, e com elle está na melhor intelligencia.

O bom velho está muito bem conservado, e muito fresco nas suas facultades intellectuaes: parecia que depois da sua chegada muitos dias seriam necessarios para o reparo das suas for-

ças, que deviam estar atenuadas com a perseguição de quasi dois mezes, e de marchas violentas, cuja estratégia militar muito o honra; pois não foi assim, depois de 30 e tantas horas eu o vi montar com segurança, e assestir a uma revista.

Daqui estão observando os movimentos do Saldanha, e quando proximamente os não faça, se principiam as operações. O Povoas está desejoso de se avançar ao Saldanha, e não menos o Antas.

Hoje já aqui se não falta da defeza do Porto, mas sim de atacar: a causa nunca teve tanta força.

O vapor *Duque do Porto* perdeu-se; incalhando junto de Mathosinhos por occasião que ia rebocar um navio mercante para entrar no rio; e agora consta, e diz-se que é verdade, que o Rodrigues de Campos com outros foram assassinados por força sahida de Coimbra, que o pilhou de surpresa em Villa Nova de Monsarrás nas fraldas de Serra de Bussaco.»



O dia de hoje tem sido aziago para a gente do governo. Esperava boas noticias do Porto, e teve-as pessimas. Do Alemtêjo tem nas tristissimas.

Diz-se que o Shwalback retira preceptadamente para Santarém; que o governo mandára recolher alli todas as forças daquellas visinhanças; e que Abrantes fôra evacuada.

Não é ainda liquido se o conde de Mello dera segundo ataque a Estremoz. Dizem uns que sim, e que entrára lá: dizem outros que não; porque o seu intuito não era esse, e que fizera o primeiro reconhecimento por incidente.

Cartas de Evora de 27 dizem que o Galamba e Neutel sahiram por outra estrada, mas seguindo o mesmo plano, e que daqui a dias veremos o resultado delle. Hoje corre que o conde de Mello passára já o Tejo, e se acha em Castello Branco.

Nas mesmas cartas se diz que chegára alli naquelle dia um proprio, trazendo a noticia de que estavam em Almodovar 1:400 infantes e 87 cavallos vindos do Algarve para o Alemtêjo.

O caso é que a artilharia que estava para ir para o Shwalback já não vai, assim como os sapatos para a sua gente.

Aqui na capital mandam polvora para as linhas, e fazem intimar os proprietarios das casas por onde ellas passam para que retirem. Já temem ataque.

Agora appellam ou para a intervenção estrangeira ou para a transacção com a junta do Porto!!!

O agio das notas sobre, os fundos em Londres descem.

Tem causado grande sensação na praça o amuo do Manoelzinho, filho do Souza Azevedo, que pediu tres mezes de licença. Era vigia do governo civil, e muito ministerial só em quanto o pai o foi. Também era denunciante.



O correspondente do *Times* em 8 de Fevereiro escrevia para Londres o seguinte:

« O conde das Antas foi dar um *passeio* parece que em direcção a Vianna. As ultimas noticias dão-no em Barcellos, tres leguas daquella villa aonde o Casal está intrincheirado. Não acredito que o presidente da junta tenha a ousadia de o atacar, mas será de estranhar se o Casal, que tem força superior, não o vier procurar e offerecer-lhe ataque, aproveitando assim a occasião de se encontrar com um dos principaes chefes da revolta com tantas probabilidades em favor d'elle Casal. Será também ainda mais estranho se Saldanha não envia uma forte divisão a marchas forçadas para atravessar o Douro, lançar-se entre Antas e o Porto, e assim apanharlo entre dois fogos; mas estas operações são tão rapidas para a inercia portugueza que esperamos ver chegar ao Porto o general da junta em poucos dias, sem fazer nada, e sem receber algum mal dos seus oppoentes.

« Vi as trincheiras do Porto durante o sitio na guerra entre D. Pedro e D. Miguel, e comparadas com as d'agora, não tenho duvida em affirmar que ainda que as linhas actualmente abraçam um circulo mais estreito, são feitas, na minha opinião, mais judiciosamente, e até são mais fortes que naquelle primeiro periodo.

« Assim se Saldanha traz só dez mil homens, (e os amigos d'elle não lhe dão mais) e havendo da parte de dentro, como ha, mais de sete mil homens, o Saldanha atacará em vão, ao menos que a traição, a intriga ou a deserção não faça algum milagre em seu favor. Não digo que haverá traição ou deserção, mas posso affirmar que ainda quando os sitiados tenham sómente *meio coração* de homens, Saldanha não tem probabilidade nenhuma a seu favor. »

O correspondente do *Times* avaliou bem a *inercia* do Saldanha e Casal. Este não só não veio offerecer ataque, mas fugiu cobardemente diante do conde das Antas, o qual não voltou sem fazer nada mas teve a ousadia de atacar o Casal que tinha forças superiores; e aquelle (Saldanha) nunca se lembrou de atravessar o Dou-

ro, nem que se lembrasse o podia fazer sem risco de ser esmagado pela patulêa do Porto, de quem elle tem um medo que se pella.

O que Saldanha espera é uma intervenção que lhe dê força para soffocar o espirito popular e lhe conservar o ducado, de que foi exauthorado pelo supremo governo do reino.



PARTE OFFICIAL CURIOSA.

E' necessario portanto, que a columna do seu commando não fique completamente inactiva, em quanto os revoltosos procuram todos os meios d'alimentar nos povos o espirito revolucionario, e de desobediencia ao legitimo governo da rainha; facilitando este estado de anarchia, que o partido miguelista se arroge também a levantar a bandeira do principe proscrito nessa provincia. S. M. confia no seu zelo e actividade que procurará suster o espirito vacillante dos seus subordiuados, e com toda a brevidade mover-se com a columna do seu commando, no intento de os afastar da occasião de evadir-se, e de animar os povos, e restabelecer as auctoridades, e dar-lhes força, particularmente no districto de Béja onde o espirito publico é geralmente o melhor a favor da causa legitima que sustentamos. — Deos guarde a V. ex.^a — Quartel general no paço das Necessidades, em 3 de Fevereiro de 1847. — Barão de Sarmento, ajudante general. — Illm.^o e exm.^o sr. visconde de Setubal.

Estado maior general. — Repartição do ajudante general. — Divisão. — Illm.^o exm.^o sr. — S. M. el-rei commandante em chefe do exercito, a quem foi presente o officio em que V. ex.^a offerece algumas observações sobre a collocação da columna do major Ilharco; encarrega-me de dizer a V. ex.^a que não convém mandar a dita columna para Montemor, como V. ex.^a lembra no mencionado officio, porque deste modo, além de ficar mais isolada, exposta, ficaria mui distante da sua base de operações; sendo aliás mui util que se conserve em Alcaer e suas immedições; onde aquella força ha prestado bons serviços, tranquillizando os povos e sustentando as auctoridades. — Deos guarde a V. ex.^a — Quartel general no paço das Necessidades, em 6 de Fevereiro de 1847. — Barão de Sarmento, ajudante general.